

Arqueologia do período islâmico em Portugal: breve perspectiva

Helena Catarino*

Resumo

Este artigo apresenta uma síntese sobre as principais investigações arqueológicas, relativas ao período islâmico, efectuadas em Portugal desde finais do século XIX até 1997. Apesar do estado embrionário, a arqueologia medieval islâmica desenvolveu-se, nos últimos anos, principalmente no Sul de Portugal – sítios urbanos e rurais. Espera-se que a investigação progrida, nomeadamente na “Marca Inferior” – região entre o Douro, o Mondego e o Tejo.

Résumé

Cet article présente un aperçu sur les principales recherches archéologiques, relatives au période islamique, effectuées au Portugal depuis la fin du XIX^{ème} siècle jusqu'à 1997. Malgré l'état embryonnaire, l'archéologie médiévale islamique s'est développé, les dernières années, surtout au sud de Portugal – sites urbains et ruraux. On espère que la recherche avance nommément dans la “Marche Inférieure” – région entre le Douro, le Mondego et le Tejo.

* Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigadora da Uniarch.

Arqueologia do período islâmico em Portugal: uma perspectiva

Hélens Castro*

Resumo: Este artigo apresenta uma visão geral da arqueologia islâmica em Portugal, desde o período visigótico até ao século XVIII. Aborda a descoberta e o estudo de sítios arqueológicos, a identificação de estruturas e objetos, e a importância da arqueologia para a compreensão da história e da cultura islâmica na Península Ibérica.

Palavras-chave: Arqueologia, Islão, Portugal, Península Ibérica, Sítios arqueológicos.

Resumo

Este artigo apresenta uma visão geral da arqueologia islâmica em Portugal, desde o período visigótico até ao século XVIII. Aborda a descoberta e o estudo de sítios arqueológicos, a identificação de estruturas e objetos, e a importância da arqueologia para a compreensão da história e da cultura islâmica na Península Ibérica.

* Hélens Castro é professora de História da Arte Islâmica na Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de Estudos de História e Arte Islâmicas da mesma universidade.

© 2004 Cambridge University Press. Printed in the United Kingdom. This journal is registered with the Copyright Clearance Center, 222 Rosewood Drive, Danvers, MA 01923. Organizations in the USA who are also registered with the C.C.C. may therefore copy material (beyond the limits permitted by sections 107 and 108 of US copyright law) subject to payment to C.C.C. of the per copy fee of \$12.00. This consent does not extend to multiple copying for promotional or commercial purposes. www.cambridge.org

1. Nota introdutória

Não querendo deixar de colaborar no *Arqueólogo Português*, em comemoração ao centenário da edição do primeiro volume, louvo a iniciativa tomada pelo Museu Nacional de Arqueologia e proponho-me abordar, numa pequena síntese, os principais trabalhos arqueológicos que se têm efectuado no nosso País no âmbito do período muçulmano. Se os pioneiros da Arqueologia do século passado continuaram a ser os marcos de referência para as novas gerações de arqueólogos, nos últimos vinte anos começaram a surgir, ainda que pontualmente, vários projectos centrados no estudo da ocupação islâmica, principalmente no Sul de Portugal.

Desses projectos, salientam-se o do Campo Arqueológico de Mértola, iniciado em 1978; os trabalhos que Rosa Varela Gomes tem desenvolvido, desde 1979, em Silves; os meus próprios estudos sobre o povoamento rural e os recintos fortificados do Algarve Oriental, iniciado em 1985 com as escavações no Castelo Velho de Alcoutim, e o projecto sobre as fortificações de taipa de Paderne e Salir (desde 1987); assim como outros trabalhos, nomeadamente as escavações em Alcaria Longa (Mértola), dirigidas por James Boone; as realizadas no castelo de Juromenha, sob a direcção de Fernando Branco Correia e Christophe Picard; no castelo de Moura, dirigidas por Santiago Macias; e as que se efectuaram em outros núcleos rurais e urbanos que, embora não tenham projectos directamente vocacionados para o estudo do período em questão, não deixam de ter importantes estratos de ocupação islâmica que, nos últimos anos, têm vindo a ser divulgados.

Embora a nível de publicações o panorama seja ainda um pouco desolador, podemos referir, no entanto, o facto de se começar finalmente a ter mais atenção ao espólio de níveis de ocupação muçulmana, identificados em sítios de *habitat* anterior. Neste caso, citam-se os resultados obtidos nas escavações de povoados fortificados da Idade do Ferro, por exemplo, no Cerro da Rocha Branca (Silves) ou em Mesas do Castelinho (Almodôvar); em várias *villae* do Alentejo e do Algarve; e em cidades com uma longa diacronia de ocupação, como Santarém, Lisboa, Alcácer do Sal ou Beja, cujos resultados estão, na maior parte dos casos, ainda por divulgar.

Outros estudos se encontram, seguramente, em curso. Alguns deles estarão ligados a projectos de valorização de núcleos históricos urbanos ou de restauros de castelos. Acrescentem-se, ainda, as prospecções, mais ou menos sistemáticas, em determinadas regiões do país, no âmbito de estudos de impacte (infelizmente, quase sempre sem resultarem numa publicação final) e, eventualmente, alguns estudos específicos que visam trabalhos de investigação a decorrer no âmbito de teses de mestrado ou de doutoramento. Neste caso, distinguem-se, a tese de mestrado de Rosa Varela Gomes (1988) sobre cerâmicas de Silves, a recente publicação da tese de mestrado de Santiago Macias (1996), onde se estuda um bairro almóada de Mértola, e a excelente dissertação de doutoramento de Mário Barroca (1995) sobre *Epigrafia Medieval Portuguesa*, onde se inventariam também as inscrições árabes.

Mas o certo é que as poucas referências a escavações de sítios muçulmanos e o respectivo estudo do espólio encontrado em contextos estratigráficos aparecem, normalmente, dispersas em publicações locais, ou incluídas em alguns relatórios de escavações pontuais, sem terem em vista, na maior parte dos casos, uma análise de conjunto sobre unidades geográficas de povoamento islâmico em território português.

2. Os trabalhos pioneiros – do século XIX aos anos 70 do século XX

Embora os estudos árabes tenham sido sempre pouco relevantes em Portugal, o gosto pelos estudos medievais, a partir do século passado, veio a reflectir-se na investigação histórica e arqueológica. Para além da pesquisa de elementos arquitectónicos e decorativos de grandes monumentos, seguindo critérios de análise próprios da História de Arte, surgiu também o primeiro cuidado pela recolha de objectos de época muçulmana e a Arqueologia foi impulsionada, sobretudo desde o papel relevante de Leite de Vasconcellos que fundou, em 1893, o Museu Etnológico e, em 1889 e 1895, a *Revista Lusitana* e o *Archeologo Português*. A partir dessa altura iniciaram-se também vários estudos sobre toponímia, numismática e epigrafia árabes, assim como apareceram as primeiras referências a achados de cerâmicas, principalmente no Alentejo e no Algarve.

Do mesmo modo, também desde finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, verificou-se uma preocupação pelos estudos regionais, resultando em várias monografias, de carácter mais ou menos erudito, onde se denotava um certo cuidado em incluir lendas e vestígios arqueológicos, designadamente inscrições lapidares e moedas atribuíveis ao período islâmico. Um desses pioneiros dos estudos arqueológicos regionais foi, sem dúvida, Estácio da Veiga. Incumbido oficialmente de proceder ao reconhecimento de alguns restos de monumentos antigos, que a chuva havia, em 1876, posto a descoberto no Baixo Alentejo e no Algarve, elaborou, em 1880, um estudo monográfico sobre Mértola intitulado *Memórias das Antiguidades de Mértola* e iniciou a carta arqueológica do Algarve.

No trabalho sobre Mértola, onde apresenta um capítulo intitulado *Epocha Árabe*, levanta questões pertinentes a propósito das muralhas e da ponte romana sobre o Guadiana. De entre os vestígios compilados, recolhe inscrições,

por exemplo uma retirada do lado leste da torre e outra sobre a porta da torre. Alerta para o facto de em Portugal existir pobreza de estudos sobre cerâmica islâmica e critica que se estudem apenas os objectos de luxo e não se analisem as “louças que deveriam ser communs nos usos da vida doméstica, que são, a meu ver, as que mais conviria colligir todas as vezes que os seus próprios fragmentos se manifestassem em condições propícias ao estudo...” (Veiga, 1983, ed. fac. simil., p. 162). Em escavações efectuadas em 1877, próximo da porta do cemitério, não menosprezou a recolha de cerâmicas, sobretudo as de superfícies vidradas de tom melado e verde escuro com decoração estampilhada.

Para o Algarve, não chegou, infelizmente, a compilar nenhum trabalho dedicado ao período muçulmano. Contudo, levou a cabo um estudo de reconhecida qualidade para a época e procedeu, inclusivamente, a escavações arqueológicas, designadamente no concelho de Alcoutim (Montinho das Laranjeiras e Álamo). Os resultados do seu trabalho no Algarve foram amplamente compilados numa obra de vulto, em quatro volumes, com o título *Paleoethnologia. Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos Prehistóricos* (Veiga, 1886, 1887, 1889 e 1891).

O interesse pelos temas correspondentes ao período islâmico levou mesmo a que, em 1892, se realizasse, em Lisboa, o *Congresso Internacional de Orientalistas*, destacando-se um trabalho sobre a cidade de Silves. Mas o papel divulgador da Arqueologia, onde se nota uma maior preocupação em referir achados do período medieval islâmico, cabe a várias revistas entre as quais são de indicar, em primeiro lugar, *O Archeologo Português* e, a partir de 1944, o *Arquivo de Beja*.

São também de salientar, desde a última década do século XIX, os trabalhos do arabista David Lopes, cuja obra se divide entre os estudos numismáticos, onomásticos, históricos e literários. Ao analisar a presença árabe nas obras de Alexandre Herculano, editada em 1911, ou no seu capítulo sobre o domínio árabe na *História de Portugal* (ed. de Barcelos, 1928), contribuiu para um melhor conhecimento desse período e enalteceu a civilização árabe que “criou uma cultura que pode competir em muitos respeitos com a dos outros países muçulmanos. Criou uma literatura que deu alguns grandes nomes ao pensamento islâmico; criou uma filosofia e uma ciência que honram sobremaneira o pensamento humano; e criou uma arte que se manifestou em ricos monumentos” (Lopes, 1928, p. 413).

Os estudos pioneiros de Numismática árabe devem-se principalmente aos investigadores espanhóis A. Vives e Escudero que publicam, em 1893, a obra *Monedas de las Dinastias Árabe-Espanholas*; em Portugal, os primeiros trabalhos foram realizados por David Lopes (1895, p. 97-103), no que se refere a algumas moedas recolhidas no Algarve, e por Manuel F. de Vargas (1907, p. 1-22, 1914, p. 195-200, 1915, p. 174-288), que publica materiais para o estudo das moedas árabes encontradas em Portugal. Também Leite de Vasconcellos, em 1895 (p. 301-310), publicou o achado de moedas de S. Brás de Alportel, guardado dentro de uma panela de barro. Mais tarde, José de Carvalho (1911, p. 108) compila um conjunto de moedas árabes provenientes dos concelhos de S. Brás de Alportel e de Loulé. Já em meados deste século, os estudos continuaram com Figanier (1949 e 1959), a quem se deve o melhor inventário de moedas árabes encontradas em Portugal, que serviu de base para os estudos futuros, continuados principalmente por José Marinho.

Também os primeiros trabalhos sobre epigrafia se devem a investigadores espanhóis, designadamente Amador de los Rios, que publicou, em 1883, uma obra de conjunto para todo o território peninsular, com o título *Memória Acerca de Algumas Inscriptones Arábicas de España e Portugal*. Em relação ao nosso País, cabe mais uma vez a David Lopes o mérito de publicar, em 1896, inscrições de lápides sepulcrais de Beja e de Mértola (p. 205-207). A partir de 1940 será Nykl o divulgador de inscrições desse período, por exemplo na revista *Al-Andalus* (Nykl, 1940, p. 399-410), nos *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (*ibid.*, 1941, p. 11-12) e na revista *Ethnos* (*ibid.*, 1942, p. 23-31), onde publica lápides provenientes de Lisboa, Moura, Évora, Mértola e Faro, algumas conservadas no Museu do Carmo e no Museu Nacional de Arqueologia.

As primeiras referências a cerâmicas e outros achados avulsos encontram-se publicadas por Santos Rocha, Bernardo de Sá e Leite de Vasconcellos, resultantes de recolhas efectuadas sobretudo no Alentejo e no Algarve. Santos Rocha (1895, p. 193-212) refere a existência de achados em Faro, designadamente candeias, elementos decorativos e objectos de adorno. Em 1904 publica, no tomo I do *Boletim da Sociedade Archeológica Santos Rocha*, uma notícia sobre cerâmica e silos árabes encontrados em Bensafrim e Mexilhoeira Grande (1904, p. 20-21). Também Santos Rocha (1895, p. 114) e Xavier Henriques (1895, p. 117) identificam como sendo muçulmanos alguns silos e ruínas encontradas no sítio do Enterreiro, em Castro Marim. Bernardo de Sá (1906, p. 197-201) elabora um relatório sobre cerâmica vidrada e não vidrada, de recolhas em Portimão, Silves e Loulé. Leite de Vasconcellos (1902, p. 119-123) descreve candeias de barro, e uma metálica, encontrada na freguesia de Cacela (provavelmente na área do sítio da Quinta do Muro), próximo de uma necrópole cujas sepulturas estavam cobertas por lajes e por telhas (*ibid.*, p. 190, p. 147).

A partir dos anos 40, a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais iniciou, como se sabe, de um modo quase sempre arbitrário e pouco científico, os restauros de castelos e fortalezas medievais, acompanhados, normalmente, de grandes remoções de terras sem que se tivessem feito escavações arqueológicas prévias. Do espólio exumado durante esses restauros, o que se encontrava bem conservado foi depositado em arrecadações de museus, ou guardado em coleções particulares, e ainda hoje se encontra, infelizmente, por estudar. No Museu Machado de Castro, em Coimbra, existem, por exemplo, algumas caixas com cerâmicas medievais recolhidas nessa época, inclusive uma candeia muçulmana quase completa, cuja proveniência é praticamente impossível de determinar.

Desde a publicação do *Arquivo de Beja*, os trabalhos de Abel Viana tornaram-se relevantes para a divulgação dos vestígios visigóticos e muçulmanos, principalmente do Alentejo. É a ele que se devem as primeiras escavações de níveis muçulmanos no Castro de Nossa Senhora da Cola, no concelho de Ourique. Sobre estas escavações há vários artigos publicados (Viana, 1946, p. 118, 1958, p. 25, 1959, p. 8-24, 1960, p. 144-150, 1961/62, p. 156-157), onde, pela primeira vez, se apresenta uma planta de estruturas defensivas e de *habitat* de época muçulmana, assim como o conjunto do espólio arqueológico, embora ainda sem atribuições cronológicas muito precisas. Arquivado o espólio, no Museu de Beja, não será demais alertar para a extrema necessidade de se proceder ao seu inventário e estudo monográfico, acompanhando o trabalho com um

novo projecto de escavações para esta importante fortificação do antigo território de Marachique.

3. Os últimos 20 anos – perspectivas de investigação

A partir de finais da década de 70, surge uma nova geração de arqueólogos e uma nova dinâmica na investigação de campo e de gabinete, nomeadamente no que diz respeito aos estudos sobre cerâmicas muçulmanas. Os pioneiros desses trabalhos foram, sem dúvida, Rosselló-Bordoy, Juan Zozaya e André Bazzana, que publicaram vários estudos relacionados com a nomenclatura das formas cerâmicas e com os problemas crono-tipológicos. Para além da principal obra de referência para os arqueólogos que, nos últimos vinte anos, se têm dedicado ao estudo do período muçulmano, *Ensayo de sistematización de la cerámica árabe de Mallorca* (Rosselló Bordoy, 1978), também os colóquios sobre Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental, iniciados em 1978 em Valbonne, e continuados com uma periodicidade fixa, merecem especial referência pela sua actualização na discussão do tema. O mesmo acontece com os congressos de *Arqueología Medieval Española* e o esforço de publicação do *Boletín de Arqueología Medieval* pela Associação Espanhola de Arqueologia Medieval, abertos à publicação de estudos portugueses.

Escolhido o nosso país, em 1987, para o IV Congresso de Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental, verificou-se, no entanto, que foi ainda relativamente escassa a contribuição portuguesa, destacando-se trabalhos sobre Mértola (Macias, 1991, p. 405-427; Torres *et al.*, 1991, p. 497-536), Silves (Gomes, 1991, p. 387-403), Vilamoura, Loulé (Matos, 1991, p. 429-456) e Beja (Correia, 1991, p. 373-385). Contudo, desde o 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, 1993) e nos três colóquios de Tondela (1992, 1995 e 1997) notou-se já um crescente interesse e maior participação no debate sobre arqueologia medieval.

No entanto, se as escavações continuam a ser em número reduzido, também a publicação dos resultados finais tem sido muito restrita. Os estudos monográficos sobre cerâmica islâmica encontrada em Portugal limitam-se, para além de alguns artigos dispersos, ao trabalho de síntese elaborado por Rosa Varela Gomes, *Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves* (Gomes, 1988), ao catálogo *Cerâmica Islâmica Portuguesa* (Torres, 1987), publicado aquando da exposição que acompanhou o já citado IV Congresso sobre Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental, realizado em Lisboa, e o catálogo *Cerâmicas islâmicas do castelo de Salir* (Catarino, 1992), pequeno inventário de algumas cerâmicas almôadas, editado pelo Museu Municipal de Arqueologia de Loulé.

Cabe ao *Campo Arqueológico de Mértola* o mérito de iniciar uma série de publicações que divulgam a Arqueologia medieval portuguesa com a edição da revista *Arqueologia Medieval*, da qual já foram, ao momento em que se escreve, editados cinco volumes. Mais recentemente, a dissertação de mestrado elaborada por Santiago Macias (Macias, 1996) sintetiza os resultados arqueológicos obtidos para um bairro almôada da alcáçova de Mértola, com particular incidência sobre alguns aspectos do quotidiano alimentar da população que aí habitava.

Apesar da insuficiente tradição de estudos árabes no actual território português, evidenciam-se os trabalhos de Garcia Domingues (1945 a 1988), sobre história e cultura, e de Borges Coelho, que compilou um conjunto de textos, em quatro volumes, numa obra intitulada *Portugal na Espanha Árabe* (1972/1975). Mas o período islâmico tem sido valorizado sobretudo na duas últimas décadas, com novas investigações que se reflectem nas sínteses incluídas em obras de História de Arte e História de Portugal, editadas entre 1983 e 1993, onde colaboraram, por exemplo, Luís M. Araújo (1983, p. 245-289), Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1986), Cláudio Torres (1992, p. 361-415), Santiago Macias (1992, p. 417-437), Oliveira Marques (1993, p. 121-249) e eu própria (Catarino, 1993, p. 47-92). Contudo, podem considerar-se ainda com pouco optimismo os trabalhos que têm vindo a realizar-se, porque os estudos de Arqueologia Medieval, no geral, têm sido desenvolvidos de uma forma pontual; os projectos de investigação que visam especificamente o estudo do período muçulmano são, também, em número reduzido. Confirmando a opinião de André Bazzana, o balanço científico dos últimos dez anos em Portugal não será tão positivo como em Espanha ou Itália, onde o conhecimento das paisagens medievais tem visivelmente progredido (Bazzana, 1994, p. 27 e nota 38).

Um território que tem sido praticamente esquecido da investigação arqueológica é, precisamente, o do espaço fronteiriço da Marca Inferior entre o Douro e o Tejo. No que diz respeito às questões de povoamento e encastelamento, embora não existam estudos arqueológicos suficientes, podemos pensar que várias povoações se mantiveram desde o período romano, embora com algumas alterações de áreas habitacionais, como aconteceu, por exemplo, com Conímbriga, substituída gradualmente por Condeixa.

A partir de uma análise superficial, não devemos deixar de indicar, pela sua importância, a área entre o Douro e o Mondego, até à segunda metade do século XI (conquistas de Lamego, Viseu e Seia em 1057 e de Coimbra em 1064), onde poderão vir a encontrar-se sistemas defensivos muçulmanos, construídos durante o período emiral e califal, ou mesmo alguns acampamentos correspondentes às campanhas de Almançor. Neste contexto, demarcam-se pela importância estratégica na defesa dos territórios muçulmanos e, ao mesmo tempo, como pontos de partida para razias em direcção à Galiza, as zonas do triângulo Lamego-Viseu-Trancoso e a zona do Baixo Mondego, com maior incidência para a cidade de Coimbra e respectivo território, como Condeixa, Soure e Pombal, para sul, e Tentúgal e Montemor-o-Velho, em direcção à foz do Mondego.

Da região de Coimbra provêm algumas cerâmicas de características islâmicas, designadamente com decoração pintada, nos níveis tardios de Conímbriga (Alarcão *et al.*, 1976) e algumas candeias, provavelmente califais, conservadas no Museu Machado de Castro. No entanto, a nível da cerâmica comum nota-se uma maior homogeneidade com todo o Noroeste peninsular a partir dos séculos XI/XII, nas cerâmicas de pastas cinzentas e micáceas com decoração incisa e asas perfuradas, algumas provenientes de Conímbriga (Alarcão, 1975), outras recolhidas nas escavações da Alcáçova de Coimbra (informação de Nunes Pinto), ou ainda nas escavações que decorrem no criptopórtico do Museu Machado de Castro (informação de Pedro Carvalho). São também conhecidas algumas moedas emirais e califais recolhidas em Conímbriga (Pereira *et al.*, 1974) e Coimbra, estas encontradas no Museu Machado de Castro (Marinho, 1971, p. 249-254),

bem como a existência de uma inscrição árabe reaproveitada numa das paredes da Sé Velha de Coimbra.

De Montemor-o-Velho recolheram-se gessos com nós anelares e atauriques com paralelos nos da aljaferia de Saragoça, e um capitel corintizante semelhante ao da entrada do mirabe da Mesquita de Córdoba, expostos no Museu Machado de Castro. Também aqui se encontra um capitel proveniente de Miranda do Corvo.

Embora nunca se tenham elaborado projectos de investigação que visem um estudo da ocupação muçulmana na Marca Inferior, nota-se, no entanto, que permaneceram muitos topónimos de raiz árabe, moçárabe e berbere. Existem também algumas referências históricas a localidades, principalmente aquando das revoltas do século IX protagonizadas por Ibne Maruane e Xurumbaqui e durante as campanhas de Almançor para Santiago de Compostela. Por exemplo, o castelo de *Karkar* pode ser, eventualmente, identificado com Cárquere, a ocidente de Lamego, numa zona de implantação berbere/moçárabe que, para Sul, atingia a área de Alafões/Viseu. Seguindo um estudo de Manzano Moreno (1991, p. 193-196), em territórios que já pertenceriam ao termo da antiga cidade de Egitânia, Ibne Maruane atravessou o *iqlim* (distrito) de *Mistasa*, onde as gentes desta tribo berbere o apoiaram e refugiou-se, depois, no castelo de *Munt Salut*. O pequeno distrito berbere pode situar-se numa zona entre Constância e Vila Velha de Ródão, enquanto que a fortaleza corresponderá possivelmente ao topónimo Monte Saúde, no concelho de Ferreira do Zêzere.

Mas os principais estabelecimentos de época muçulmana nesta “fronteira inferior” devem procurar-se, porém, sobre ou em torno de anteriores sítios romanos e nas proximidades das antigas vias romanas, que se mantiveram como ligação entre Mérida (e depois Badajoz) e, por exemplo, Idanha-a-Velha, Coimbra, Santarém e Lisboa. Outros podem vir a encontrar-se, eventualmente, em zonas montanhosas, para norte de Proença-a-Nova e Sertã, na Serra de Alvelos e na da Gardunha.

Se, durante a segunda metade do séc. XI, o Mondego marcou uma área de fronteira, será a bacia do Tejo que a define a partir de meados do século XII, com a reconquista de Santarém e de Lisboa. Nesta cidade, para além de elementos arquitectónicos depositados no Museu do Carmo, as escavações efectuadas na Casa dos Bicos (Amaro, 1982, p. 96-111) e as recentes intervenções, nomeadamente no BCP, na zona do teatro romano e no claustro da Sé, têm revelado um abundante espólio do período muçulmano para o qual se espera breve publicação.

Subindo o Tejo, entre Lisboa e Santarém, para além de os documentos árabes indicarem o *ribat* de *Saqabân*, em Sacavém (Marin, 1994, p. 125), foi recentemente identificada uma fortificação omíada, construída de taipa terrosa. Trata-se do Castelo de Povos (Vila Franca de Xira), onde se recolheu cerâmica califal incluindo peças decoradas a verde e manganês (informações de Cristina Calais). O castelo pode ter servido como *ribat* na defesa do Tejo e localiza-se num cabeço estratégico, com amplo domínio sobre o percurso do rio e, ao mesmo tempo, com controle sobre um eixo viário terrestre, de época romana, que seguia para Santarém, via *Jerabriga*, perto de Alenquer, vila reconquistada também no reinado de D. Afonso Henriques e com imponente castelo, que merecia igualmente um projecto de investigação arqueológica.

Centro administrativo de um território com domínios sobre o Tejo, Santarém foi, sem dúvida, um importante núcleo urbano da Marca Inferior e tinha, no

século X, “grande mesquita aljama, banhos esplêndidos e mercados (zocos) amplos e ordenados” (Molina, 1983, p. 58). Provêm da cidade alguns capitéis, de cronologia califal ou dos inícios dos reinos de taifas, conservados no Museu Municipal, e que teriam pertencido, eventualmente, a uma das mesquitas. Na área da alcáçova, as escavações levadas a cabo sob a direcção de Ana Margarida Arruda (1983-84, p. 217-223) têm posto a descoberto um conjunto de silos e uma enorme quantidade de espólio cerâmico, cuja publicação se espera para breve.

Mas o fértil território da região de Santarém e da Península de Lisboa abarcaria uma área bastante próspera, com vários recintos fortificados e comunidades rurais muçulmanas e moçárabes que urge estudar, a partir de prospecções e escavações, principalmente nos actuais concelhos limítrofes destas cidades. Deste modo, destaca-se o projecto de investigação de Catarina Coelho sobre Sintra no período muçulmano e os recentes trabalhos arqueológicos no Castelo dos Mouros (sob a direcção de Teresa Simões e Catarina Coelho), onde se identificaram estratos arqueológicos muçulmanos e espólio cerâmico, com cronologia centrada entre os séculos IX/X e XI/XII (Coelho, 1996). Indica-se igualmente os trabalhos realizados no concelho de Cascais (Cardoso *et al.*, 1991, p. 575-585) e, a sul do Tejo, o Castelo de Palmela, onde recentes escavações revelaram estratos de ocupação desde os séculos VIII/IX, sobretudo na área da alcáçova, fortificação omíada de planta rectangular que sofreu, porém, múltiplas reconstruções medievais e posteriores (Fernandes, 1993, p. 41-56).

Em direcção à Serra da Arrábida, o castelo de Coina-a-Velha, que merecia igualmente um projecto de investigação, conservava, ainda no século passado, parte do recinto amuralhado e torres, uma com 9 m por 6 m de lado; uma cisterna de 8,40x6,30 m de lado, com abóbada de alvenaria e paredes internas revestidas a estuque vermelho; e um conjunto de silos no sopé da rocha oeste (Rasteiro, 1897, p. 33-34). Pela sua implantação, protegia seguramente a área norte da Arrábida e as fortificações de Palmela e de Sesimbra. Neste concelho, para além do castelo e de povoações rurais e piscatórias que devem ter ocupação muçulmana, por exemplo Alfarim e Azoia, onde apareceram moedas árabes e a lâmina de um alfange (Serrão, 1994, p. 50), refere-se, em particular, a Lapa do Fumo. Nesta gruta recolheram-se cerâmicas, principalmente dos séculos XI/XII, um dinar do período dos reinos de taifa, da dinastia abádida de Sevilha, e um conjunto de quirates, cunhados em Beja e Silves (Serrão, 1994, p. 38-39; Carvalho *et al.*, 1996, p. 21-23).

É, precisamente, dos territórios a sul do Tejo que se encontram mais informações de vestígios deixados ao longo dos cinco séculos de ocupação muçulmana, difíceis de enumerar na totalidade: cidades, castelos, torres de atalaia e um sem número de povoados rurais que ficaram retidos na toponímia ou na memória do povo através das lendas de moiras encantadas. Mas, como já referi, desde o século passado que também existe uma maior preocupação pelo estudo arqueológico desta região.

Numa perspectiva da arqueologia urbana e dos recintos fortificados podemos concluir que a maior parte das nossas cidades e vilas se sobrepõe a núcleos urbanos antigos, com reconstruções sucessivas, sendo raros os casos de fundações muçulmanas. A importância de cidades e vilas alentejanas como, entre outras, Alcácer do Sal, Elvas, Évora, Beja, Serpa, Moura e Mértola denuncia-se pelos restos das suas muralhas e torres (embora, por vezes, muito adulteradas por reconstruções posteriores).

De Alcácer do Sal resta parte das muralhas de taipa da fortificação almóada. No actual museu existem vários fragmentos de cerâmica de recolhas não estratigrafadas (Carvalho *et al.*, 1994, p. 101-111) e elementos de arquitectura, designadamente bases e fustes de colunas e dois capitéis de tipo corintizante, que podem atribuir-se ao período califal. As recentes escavações, dirigidas por António Cavaleiro Paixão e João Carlos Faria, revelaram um troço da muralha omíada e um conjunto de silos, transformados em lixeiras, semelhante ao identificado durante as escavações na alcáçova de Santarém.

De Elvas, para além dos restos da porta da cerca e de alguns troços de muralha de taipa, de provável construção almóada, conserva-se um capitel de tipo coríntio com volutas e folhas de acanto, possivelmente de cronologia califal. Nos museus de Évora e Beja conserva-se um razoável conjunto de cerâmicas e as escavações nas respectivas áreas urbanas têm revelado vestígios que podem tornar-se fundamentais para a compreensão da importância destas cidades durante o período islâmico. Em Évora, os trabalhos dirigidos por Hauschild no templo romano revelaram um conjunto de silos entulhados com cerâmicas muçulmanas, de cronologias diversas, publicadas recentemente (Teichner, 1994, p. 336-358). Em Beja, esperam-se os resultados dos trabalhos arqueológicos recentemente iniciados por Conceição Lopes em vários sectores da área urbana e no castelo.

No Morro de Nossa Senhora do Castelo, em Aljustrel, colocaram-se a descoberto alguns troços de muralhas construídas de taipa e as cerâmicas recolhidas têm cronologias que vão desde o século IX até aos séculos XII-XIII (RAMOS *et al.*, 1993, p. 11-39). Iniciaram-se, nos últimos anos, trabalhos de prospecções neste concelho, que revelaram a existência de povoamento rural muçulmano (Estorninho, 1994, p. 27-36), sendo possível que alguns desses sítios se relacionem com a exploração mineira, como acontecia no período romano.

Também em Moura, os trabalhos de Santiago Macias (1986, p. 253-268, 1993a, p. 127-157, 1994, p. 673-705) puseram a descoberto vestígios de ocupação islâmica, de que se destacam estruturas, cerâmicas dos séculos X e XI, assim como fragmentos de uma pequena arqueta em osso, do período almóada. Alguns troços de muralha conservam ainda restos da construção de taipa. Fora da cidade, existia uma necrópole (*maqbara*), da qual são provenientes algumas lápides epigrafadas (Borges *et al.*, 1992, p. 65-69).

Em Serpa, para além de uma inscrição árabe encontrada por Abel Viana (1950, p. 22) perto da Porta Nova, fora da vila, as escavações realizadas no castelo (Soares *et al.*, 1986, p. 167-198) revelaram várias fases – uma calçada parece separar duas épocas:

1. nas camadas inferiores predominavam cerâmicas vidradas a verde, as de engobe branco com vidrado transparente e as peças policromas, decoradas a verde e manganês e a corda seca parcial, características dos séculos X e XI;
2. nas camadas sobrepostas à calçada dominava a cerâmica vidrada de cor melada, decorada com motivos vegetais a negro de manganês, que podem datar-se dos séculos XI/XII e XIII.

Nas proximidades da vila, a pouca distância da margem esquerda do Guadiana, o sítio da “Cidade das Rosas” revelou, para além de uma importante ocupação romana e visigótica, um conjunto de cerâmicas islâmicas estudadas

por Retuerce Velasco (1986, p. 85-92). A cronologia dessas peças, embora filiando-se em formas com antecedentes locais e regionais, aponta, maioritariamente, para o período omíada (séculos IX/X e XI). Contudo, certos tipos de decorações e, principalmente, as grandes malgas carenadas, com brunido em espatulado interno, devem ser posteriores e, por isso, corresponder a formas dos séculos XI/XII, ou seja, de vésperas da Reconquista. Também aí se registaram artefactos de metal, de que se destaca um tempereiro de tear horizontal de pedais (*ibid.*, 1987, p. 71 e 72, fig. 1). Para além da actividade da tecelagem, também se praticava a metalurgia na área do actual concelho, destacando-se o achado de um molde de fundição, em Pias, utilizado na execução de pequenos artefactos de metal (Soares, 1993, p. 219-220). Nas recentes prospecções efectuadas no concelho, sob a direcção de Conceição Lopes, a quem se agradece a informação, foram igualmente identificados núcleos de povoamento rural com ocupação muçulmana.

No Castelo de Juromenha, fortaleza ocupada até ao século XIX, Fernando Correia e Christophe Picard (1992, p. 71-89) identificaram vários tramos da fortificação muçulmana, construída de taipa, estruturas habitacionais e cerâmica cuja cronologia se centra entre os séculos X/XII. Também no Castelo de Noudar (Barrancos), com ocupação desde o Calcolítico até ao século passado, o Campo Arqueológico de Mértola participou num projecto de recuperação e as escavações aí efectuadas revelaram, para além das muralhas de taipa que teriam pertencido a uma alcáçova, um conjunto de cerâmicas com atribuição cronológica entre os séculos X e XIII (Rego, 1994, p. 37-53), assim como algumas inscrições (Borges, 1993, p. 215-217).

É, no entanto, da alcáçova de Mértola que possuímos maior quantidade de informação, desde os antigos trabalhos de Estácio da Veiga, que resultaram na identificação de vestígios provenientes da zona urbana e de alguns núcleos rurais próximos. As escavações arqueológicas que têm vindo a efectuar-se, desde 1978, na área próxima da mesquita, colocaram a descoberto uma cisterna e várias estruturas habitacionais, com destaque para um bairro almóada, onde se recolheu o maior lote de cerâmica islâmica até agora identificado em Portugal, assim como outros artefactos, nomeadamente vidros (Ferreira, 1992, p. 39-49) e um cadinho de fundição de prata (Silva, 1992, p. 35-37).

Os estratos arqueológicos revelaram três importantes fases de ocupação muçulmana da cidade: a primeira pertence à construção da Galeria A (também considerada criptopórtico-cisterna) e a várias salas utilizadas até ao século XI; a segunda coincidente com a época de domínio dos impérios norte-africanos; a terceira, muito pobre e curta, correspondente à instabilidade da Reconquista (Torres, 1982, p. 88-89). A cerâmica mostra uma importante variedade de formas e de decorações, salientando-se um conjunto de peças decoradas a verde e mangânês, outras com a técnica de "corda seca" e, principalmente, as grandes talhas estampilhadas do período almóada (Gómez Martínez, 1993, p. 779-786, 1994, p. 113-132, 1997, p. 137-162; Khawli, 1992, p. 7-25, 1993, p. 63-78, 1994, p. 33-46; Macias, 1991, p. 405-427, 1992, p. 27-33; Torres, 1986, p. 193-228, 1987; Torres *et al.* 1991, p. 497-536).

Esta importante cidade da cora de Beja tornou-se bastante conhecida aquando da 1.ª Fitna no século IX. Chegou mesmo a ser capital de uma pequena taifa, após a queda do califado de Córdoba e, no século XII, foi centro de cunhagem de moedas durante o governo de Ibn Qasi. Outras cidades do Garbe, como

Beja e Silves, também foram centros de cunhagem de moedas neste período (Marinho, 1985, p. 182).

No seu território, as prospecções levadas a cabo por James Boone têm revelado um conjunto considerável de povoados rurais com grandes índices de ocupação, principalmente durante os séculos X e XI. Destaca-se o povoado de Alcaria Longa, cuja escavação tem vindo a definir várias casas de habitação, arruamentos e espólio atribuído principalmente aos períodos califal e aos reinos de taifas (Boone, 1992, p. 51-64, 1993, p. 111-125, 1994, p. 527-544).

Também de âmbito rural, são de referir recentes intervenções arqueológicas que, embora visem investigação sobre outros períodos, revelaram estratos de ocupação do período muçulmano. São, por exemplo, os casos da *villa* romana da Cegonha (Vidigueira), onde se verifica uma ocupação contínua desde o século I até ao século XII (Lopes *et al.*, 1994, p. 485-502) e do povoado fortificado da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho (Almodôvar), com imponente torre muçulmana ladeada por fosso, de onde se exumaram cerâmicas, sobretudo do período omíada (Fabião *et al.*, 1991, p. 305-319; Guerra *et al.*, 1993, p. 85-102), assim como enorme quantidade de restos alimentares (Cardoso, 1993, p. 103-107, 1994, p. 201-220; Pais, 1993, p. 109-110). Também as prospecções que têm vindo a efectuar-se no concelho levaram à identificação de núcleos de povoamento islâmico (Soares *et al.*, 1994, p. 49-64).

A actual província do Algarve foi, sem dúvida, o território com diacronia muçulmana mais prolongada e são múltiplos os vestígios identificáveis, desde pequenos núcleos rurais a grandes alcarias abandonadas, recintos fortificados de carácter rural, vilas e cidades importantes, localizadas principalmente no litoral, nomeadamente Faro e Tavira onde, recentemente, se têm vindo a proceder intervenções arqueológicas. Perto de Faro, as ruínas da *villa* romana de Milreu (Estoi) têm uma continuidade de ocupação visigótica e muçulmana. Do último período conserva-se uma inscrição com verso do Corão, gravado numa das colunas do templo, e recolheram-se cerâmicas cujas cronologias não parecem ultrapassar o período emiral ou os inícios do califado (Teichner, 1995, p. 89-100).

Na costa ocidental, as prospecções têm revelado grande número de povoados rurais, nomeadamente em Aljezur (Cardoso, 1988, p. 19-41), onde o castelo está presentemente a ser objecto de escavações. No sítio de Arrifana teria existido um *ribat* onde se terá fortificado Ibne Caci, no século XII (Seybold, 1903, p. 123-131; Domingues, 1988a, p. 43-47). Também as prospecções levadas a cabo no concelho de Portimão revelaram intensa ocupação muçulmana (Marques *et al.*, 1986, p. 55-60). Numa zona interior do concelho encontra-se o Castelo Belinho, fortificação de taipa, hoje completamente arruinado, construído, provavelmente, durante o período almorávida/almóada. Na zona urbana escavou-se, há alguns anos, uma enorme cisterna, de onde se recolheram, entre outros materiais, cerâmicas muçulmanas que nunca chegaram a ser publicadas. A escassos quilómetros de Portimão, as escavações efectuadas em Vila Velha de Alvor levaram à identificação do local com a antiga cidade de Ipses e, para o período em questão, referem-se estratos com cerâmicas datadas entre os séculos X/XII (Gamito, 1994b, p. 215).

Em Silves destaca-se, para além do Cerro da Rocha Branca, identificado com a cidade romana de Cilpes, que teve continuidade de ocupação no período muçulmano (Gomes *et al.*, 1986, p. 77-83), as escavações que, desde 1979, se têm vindo a efectuar na cidade. A alcáçova e a medina eram protegidas por for-

tes muralhas e torres, construídas em diferentes épocas (Gomes *et al.*, 1989, p. 287-295), umas de arenito vermelho da região, outras de taipa. Os trabalhos dirigidos por Rosa Varela Gomes, sobretudo na alcáçova (Gomes, 1988), revelaram uma sequência de ocupação desde o século VIII até à Reconquista, consumada durante as campanhas de D. Afonso III:

1. A camada 8 tem uma cronologia em redor de 780, datado por ¹⁴C entre 670 e 890 (*ibid.*, 1988, p. 100). Exumaram-se nesta camada cerâmicas de tradição tardo-romana ou visigótico-bizantina e cerâmicas puramente islâmicas, incluindo as decoradas a verde e manganês que, pela primeira vez, se atribuíram a produções do século VIII.

2. Se a camada 7 se apresentava estéril em relação a materiais arqueológicos, a camada 6 (*ibid.*, p. 101-104) corresponde a uma ocupação de finais do período emiral, com cerâmicas vidradas de tons melados e fragmentos de corda seca parcial. A camada 5 (*ibid.*, p. 104-110) representa uma ocupação califal com cerâmicas decoradas a verde e manganês, pintadas e vidradas bem como importações de cerâmica esmaltada e com reflexo metálico. A camada 4 (*ibid.*, p. 111-114) pertence à época do reino de taifa de Silves, com cerâmicas pintadas e vidradas, por vezes decoradas com a estilização da flor de lótus.

3. A camada 3 (*ibid.*:115-118) corresponde à ocupação almorávida, em que se integram as cerâmicas com pingos de corda seca parcial e uma inovação no que se refere ao aparecimento de pequenos mamilos na parte superior das jarras. Finalmente, a camada 2 (*ibid.*, p. 118-152), do período almóada, está representada por uma habitação com pátio central e latrina, com espólio cerâmico de que se destacam os vidrados e as decorações estampilhadas.

No concelho de Albufeira refere-se, em particular, o Castelo de Paderne, imponente fortificação de taipa, de planta trapezoidal e porta de cotovelo, que conserva muralhas que atingem ainda cerca de 3 m na fachada norte, onde existe uma torre albarrã de planta quadrangular, ligada à muralha por um passadiço superior. A sondagem arqueológica que aí efectuei, em 1987, revelou, para além de estratos arqueológicos da Baixa Idade Média, vestígios da ocupação almóada, designadamente um troço de parede de estrutura habitacional e espólio cerâmico, onde se incluem fragmentos de grandes talhas com decoração estampilhada (Catarino, 1988, p. 35-38, 1992c, p. 13-27, 1994c, p. 73-87).

Em Loulé, para além de tramos de muralhas da Baixa Idade Média e de época almóada, construídas de taipa (Martins *et al.*, 1971, p. 227-247) e cerâmicas recolhidas em antigas escavações urbanas, destacam-se alguns núcleos de povoamento rural. Desde os anos 70 que D. Fernando de Almeida e Luís de Matos iniciaram trabalhos no sítio do Cerro da Vila, em Vilamoura. Esta *villa* romana tem uma diacronia de ocupação que se prolonga pelo período tardo-romano, visigótico e muçulmano, de que restam estruturas habitacionais, silos e cerâmicas, principalmente emirais e califais (Matos, 1971, p. 212, 1983, p. 375-389, 1986, p. 149-154). O único forno de cerâmica islâmica até agora escavado em Portugal foi encontrado nesta estação arqueológica. Tinha planta arredondada com pavimento feito de barro, amassado com palha, ainda com restos dos orifícios por onde subia o ar quente da fornalha. Nele se recolheram recipientes

de vários tipos, vidrados, pintados e outra cerâmica comum. Os materiais mais recentes foram atribuídos aos inícios do século XI (Matos, 1982, p. 77).

Ainda no concelho de Loulé, as escavações de emergência dirigidas por Ana Margarida Arruda no sítio romano da Quinta do Lago revelaram também vestígios muçulmanos, de que se destaca uma estrutura habitacional, um lote de cerâmica comum, por vezes com decoração pintada, um conjunto de peças com vidrado monocromo, cerâmica decorada a verde e manganês e corda seca total e parcial. Identificou-se, ainda, talvez a maior necrópole islâmica rural até agora escavada em Portugal, da qual se exumaram mais de uma centena de esqueletos (informações de Ana Margarida Arruda, que agradecemos).

A actual sede de freguesia de Salir possui os restos de uma fortificação construída de taipa. O castelo, embora praticamente arrasado por sucessivas construções urbanas, conserva restos das muralhas e quatro torres, uma das quais albarrã. A intervenção arqueológica revelou um tramo da muralha poente, várias estruturas habitacionais, silos e uma rua, com canalização a desaguar num buraco aberto na muralha. Do espólio exumado, de cronologia centrada nos séculos XII/XIII, destaca-se um bom conjunto de recipientes de cerâmica, artefactos de metal e de osso, fundamentalmente os relacionados com a tecelagem, assim como o achado de um direme de prata, de época almóada (Catarino, 1888, p. 35-38, 1992a, p. 9-51, 1992b, p. 13-27, 1992c, p. 13-27, 1992d, 1993a, p. 17-31, 1994b, p. 335-349, 1995b, p. 9-30).

No concelho de Alcoutim destacam-se duas fortificações de planta poligonal regular, de época omíada – o Castelo Velho de Alcoutim e o Castelo das Relíquias. As escavações no Castelo Velho de Alcoutim (Catarino, 1988b, p. 70-87, Est. I a XV, 1989, p. 296-305, 1990b, p. 25-31, 1994a, p. 662-663) revelaram várias fases de construções e reconstruções, tanto no interior do recinto fortificado central, como numa sondagem efectuada na encosta voltada para o Guadiana. Pelas evidências arqueológicas, torna-se seguro afirmar que este castelo foi edificado durante o período emiral, época de que restam algumas estruturas habitacionais e espólio cerâmico, sobretudo de fabrico grosseiro. A segunda fase de ocupação está relacionada com um conjunto de edifícios e remodelações nas muralhas, principalmente na área da porta do castelo. Pelo espólio exumado, com destaque para as peças decoradas a verde e manganês e corda seca parcial, pode considerar-se que o espaço se manteve ocupado ainda durante os reinos de taifas para, depois, ser objecto de destruições e consequente abandono, em momento pouco preciso, possivelmente nos finais deste período ou nos inícios da ocupação almorávida/almóada da região.

O Castelo das Relíquias corresponde a um recinto fortificado principal, com as características de uma pequena alcáçova e a um recinto amuralhado exterior, que circundava uma povoação associada ao castelo. Embora a área escavada seja ainda muito restrita (Catarino, 1994a, p. 660-662), identificaram-se no interior da fortaleza (sondagem 1) uma ruela estreita e vários compartimentos habitacionais, dos quais se destaca uma pequena latrina. Pelas características das construções, pode considerar-se a existência de duas fases na ocupação deste castelo:

1. A primeira está bem representada no nível 6, no interior do compartimento A, o qual se construiu afastado da muralha, deixando um adarve com 75 cm de largura. Daqui se recolheu, sob uma camada de derrubes de telhado e

vestígios de incêndio, um conjunto homogêneo de cerâmicas com características emirais ou dos primeiros anos do Califado.

2. A segunda fase corresponde praticamente às anteriores estruturas habitacionais notando-se, porém, remodelações e acrescentos de paredes. O espólio recolhido corresponde, maioritariamente, a cerâmica comum de uso culinário e a peças vidradas meladas com decoração a óxido de manganês, assim como fragmentos decorados a corda seca parcial que, pelas características, apontam sobretudo para o período dos reinos de taifa.

Quanto ao recinto fortificado exterior (sondagem 2), é ainda inviável fornecer uma ideia, mesmo aproximada, do seu perímetro. Parece, no entanto, que para poente do recinto fortificado principal, se estendia uma espessa muralha com mais de 60 m de comprimento, que fechava num enorme torreão maciço. Para norte, descia ao longo da encosta, provavelmente até quase à margem da ribeira do Vascão, encerrando uma grande povoação ou pequeno burgo fortificado.

Ainda no Algarve Oriental, também as prospecções que tenho vindo a efectuar, principalmente nos concelhos de Castro Marim, Alcoutim e em algumas freguesias de Tavira, revelaram uma intensa ocupação muçulmana, com várias dezenas de povoados rurais abandonados, alguns seguramente relacionados com a actividade mineira na Serra (Catarino, 1984, p. 15-25, 1988b, p. 17-43, fig. 7). A considerável percentagem de povoamento deste período, em comparação com a de outros concelhos do Algarve, reflecte-se no inventário da *Carta Arqueológica de Portugal* e na cartografia de sítios arqueológicos do Algarve (Marques *et al.*, 1992, 1995; Marques, 1997, p. 87-113).

Numa zona mineira por excelência, na freguesia de Vaqueiros (Alcoutim), as escavações no sítio de Aldeia de Mouros (Gamito, 1990, p. 266-272, 1994a, p. 545-563) revelaram um povoado medieval com origens muçulmanas. A fase de ocupação mais antiga corresponde aos séculos IX/XII e a mais recente compreende um período entre o século XII e os séculos XIV/XV, época de abandono.

Para além de sítios estritamente muçulmanos, pode constatar-se, sobretudo junto do litoral e ao longo do Guadiana, ocupações contínuas desde o período romano, nomeadamente no Montinho das Laranjeiras. Esta *villa* romana, descoberta no século passado por Estácio da Veiga e recentemente reescavada por Justino Maciel, teve uma basílica visigótica, de planta cruciforme e com solo revestido a *opus tessellatum*, que foi remodelado e transformado em necrópole. O edifício sofreu também algumas transformações (Maciel, 1993, p. 31-38, 1994, p. 469-484, 1996, p. 91-100), mas terá sobrevivido no período muçulmano, possivelmente como *monasterium* para uma comunidade moçárabe residente na zona. Os materiais muçulmanos recolhidos à superfície e nos níveis de revolvimento na área do edifício religioso (Coutinho, 1993, p. 39-54) apontam para uma ocupação que se terá prolongado praticamente quase até à Reconquista. Contudo, as cerâmicas vidradas com decorações estampilhadas tipicamente almôadas estão ausentes.

Na escavação de emergência efectuada no sítio de Vale do Bôto, no concelho de Castro Marim (Gonçalves *et al.* 1980, p. 71-79; Catarino *et al.*, 1981, p. 9-27; Catarino, 1988b, p. 44-69, Est. I a XXVIII), identificou-se um povoado com ocupação islâmica, numa área de intensa ocupação romana que se estende

para os sítios da Fornalha, Mau Dinheiro e Sobral. Escavaram-se várias estruturas habitacionais, silos transformados em lixeiras e parte de uma necrópole, com sepulturas escavadas na rocha. As cerâmicas apontam para uma cronologia que corresponde aos períodos emiral/califal, com algumas de fabrico manual e a torno lento, peças com decoração incisa e vidrados decorados a verde e mangânês; do período dos reinos de taifas, sobressai a cerâmica pintada com traços esbranquiçados e os vidrados de tons melados com decoração a óxido de manganês; dos períodos almorávida/almóada, destacam-se vidrados esverdeados e acastanhados, designadamente fragmentos de malgas (ataifores) vidradas e decoradas com estampilhas, numa cartela circular junto do fundo.

A área cemiterial encontrava-se destruída, mas ainda se conservavam sete sepulturas, em parte cortadas por paredes de casas almorávia/almóadas. As fossas eram abertas no saibro, a pouca profundidade, e correspondiam a estruturas rectangulares estreitas, com os topos abaulados. Uma apresentava cobertura de lajes e as outras tinham fiadas de telhas bastante decoradas, um pouco inclinadas para sul e com a superfície decorada voltada para cima. As sepulturas tinham orientação sensivelmente oeste/este e os corpos, sem qualquer tipo de espólio em associação, foram depositos em decúbito lateral direito, com os membros superiores ao longo do corpo e os inferiores ligeiramente flectidos, com os pés virados para sul. A cabeça encontrava-se voltada quase a poente, com a face inclinada para sul/sudeste (Catarino, 1988b, p. 49-51).

Também no concelho de Loulé, durante as escavações dirigidas por Ana Arruda na Quinta do Lago, encontraram-se mais de uma centena de enterramentos, pertencentes a uma grande necrópole de época muçulmana, situados próximo da beira-mar, num cabeço pouco acentuado e relativamente pouco afastado da área de uma fábrica de salga romana e dos espaços habitacionais romanos e muçulmanos, que se estendem pela Quinta do Ludo. As sepulturas eram, como em Vale do Bôto, de fossa simples, pouco profunda, umas sem cobertura e outras tapadas com telhas.

Infelizmente, no nosso território são praticamente nulas as publicações sobre intervenções arqueológicas em cemitérios muçulmanos, apesar de se conhecer a existência de alguns pelas fontes escritas e se registarem várias lápides epigrafadas, recolhidas em cidades e junto de castelos. Encontram-se sobretudo no Alentejo e no Algarve, conforme pode observar-se na recente inventariação feita por Mário Barroca (1995, p. 49-75), que inclui 67 epígrafes muçulmanas para um período cronológico compreendido entre o século VIII (inscrição do sinete de Palmela) e os séculos XIV e XV. Concretamente no que diz respeito ao actual Algarve, contabilizou unicamente três inscrições funerárias para a cidade de Silves (*ibid.*, n.ºs 59, 60 e 61), uma no concelho de Castro Marim, junto das margens da ribeira de Odeleite (*ibid.*, n.º 57), e a que em 1968 foi recolhida no sítio das Pontes, em Salir, no concelho de Loulé (*ibid.*, n.º 5), correspondendo ao epitáfio de Muhammad Ibn Sad, falecido no ano de 407 da Hégira (1016-1017).

Mas os estudos específicos de epigrafia árabe no nosso País devem-se, principalmente, à necessidade de actualizar o *Corpus* para toda a Península Ibérica. Sob a direcção de Rosselló-Bordoy, formou-se uma equipa, de que se destaca o trabalho de Ana Labarta e Carmen Barceló (1987, p. 395-420), onde se traça uma panorâmica geral da actual situação e se apresenta um mapa de localizações e fichas descritivas, com a bibliografia correspondente a cada inscrição, e os estu-

dos de Artur Goulard Borges (1989, p. 98-109, 1991, p. 91-102, 1993, p. 215-217), com destaque para inscrições de Beja e do castelo de Noudar.

A investigação sobre Numismática árabe portuguesa continua a ser realizada principalmente por José Rodrigues Marinho (1970, p. 293-298, 1971, p. 249-254, 1983, p. 375-389, 1984, p. 295-305, 1985, p. 176-196, 1977, p. 469-477). Alguns dos contributos do numismata português, por vezes em colaboração com Peixoto Cabral, incidem sobre as moedas islâmicas do nosso território, as cunhagens califais do período Hisham II, os *Qirates* do período almorávida, ou as cunhagens de Beja, Mértola e Silves.

Finalmente, no que diz respeito a vestígios relacionados com edifícios religiosos do período muçulmano, o tema não tem sido abordado na investigação arqueológica portuguesa. No entanto, considerando um certo número de topónimos, existiam seguramente estruturas religiosas, nomeadamente mesquitas, arrábidas e azoias, assim como mosteiros (reconhecíveis, por exemplo, nos topónimos Almoester), uns possivelmente islâmicos, outros moçárabes, que levam a considerar a existência de um convívio pacífico entre a religião islâmica e a cristã, sobretudo nos primeiros séculos de ocupação muçulmana. Para além do convento da igreja do Corvo, no Cabo de S. Vicente, deve destacar-se a *ecclesia-monasterium* visigótica do Montinho das Laranjeiras (Alcoutim), que teve continuidade no período islâmico, seguramente votada ao culto de uma comunidade moçárabe, o mesmo acontecendo, seguramente, com a igreja-mosteiro visigótico/moçárabe de S. Gião da Nazaré, que deve merecer atenção especial na Arqueologia portuguesa.

O único exemplo de mesquita conservado em Portugal continua a ser a de Mértola, actual igreja matriz. Do edifício do período almóada, restam ainda alguns elementos relativamente bem conservados como o mirabe, a quibla, algumas portas e a própria estrutura interna com cinco naves (Ewert, 1965, p. 3-36). Mas a maioria dos edifícios religiosos do Islão foram completamente destruídos ou, mais seguramente, disfarçados por reconstruções sucessivas, restando apenas, em alguns casos, elementos arquitectónicos depositados nos museus das respectivas cidades. No entanto, todas as capitais de *kura* possuíam uma mesquita principal (ou *aljama*) ou, pelo menos, uma mesquita-catedral, à semelhança do que aconteceu em Ossónoba que, segundo Al-Himyari, estava provida de uma mesquita-catedral e era sede de um alcaide-em-chefe” (Coelho, 1972, p. 55). No século XII, porém, já possuía uma mesquita principal, uma de bairro e um pequeno templo, provavelmente simples oratório. O mesmo aconteceu em Évora e noutras cidades. Por exemplo, em *Una Descripción Anónima* (Molina, 1983, p. 58) descreve-se a cidade de Santarém como tendo, no século X, “uma grande mesquita aljama” e Beja, que possuía “mesquitas em grande número” (*ibid.*, p. 62).

Pelo exposto, podemos considerar que apesar de nos últimos anos terem surgido alguns projectos específicos sobre Arqueologia do período muçulmano, ainda estamos longe de atingir um conhecimento suficientemente abrangente sobre a ocupação de todo o território do Garbe al-Andaluz. Foram vários os locais objecto de escavações, mais ou menos antigas, sem que os resultados fossem devidamente divulgados – tal é o caso do Castro de Nossa Senhora da Cola. No entanto, também não podemos esquecer que a prática de uma arqueologia sobre o terreno, examinando os vestígios de superfície e de contextos estratigráficos fiáveis, de há longa data aplicada em Espanha, só muito recentemente começou a dar os primeiros passos em Portugal.

Embora se tenham efectuado escavações em povoados rurais, com destaque para Alcaria Longa (Mértola), no que diz respeito à investigação sobre a estratégia de povoamento rural, tal questão não se tem colocado porquanto ainda faltam muitas intervenções arqueológicas, que permitam definir diferentes tipos de ocupação do espaço rural, consoante as regiões e os períodos cronológicos de ocupação. Por outro lado, as escavações têm-se centrado, pontualmente, em recintos fortificados abandonados, ou naqueles que conservaram povoamento após a Reconquista, transformados em castelos da Baixa Idade Média e centros urbanos de concelhos actuais, assim como em áreas urbanas importantes, como Silves ou Mértola, relativamente bem documentadas nos textos árabes.

Resta, deste modo, alertar para a necessidade de levar-se a cabo um trabalho de campo cada vez mais exaustivo, na identificação e escavação de monumentos e sítios de época muçulmana. É importante que se elaborem mais projectos arqueológicos, não só no Alentejo e no Algarve mas, principalmente, nos espaços fronteiriços da Marca Inferior, entre o Douro e o Tejo, território até agora pouco estudado do ponto de vista da Arqueologia Medieval do período islâmico.

Bibliografia

LISBOA SUBTERRÂNEA (1994). Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

NOVENTA SÉCULOS ENTRE A SERRA E O MAR (1997). Lisboa: Ministério da Cultura, IPPAR.

ALARCÃO, J. de (1975) – *La céramique commune locale et régionale*. Paris: Boccard. (Fouilles de Conimbriga; 5).

ALARCÃO, J. de [et al.] (1976) – *Céramiques diverses et verres*. Paris: Boccard. (Fouilles de Conimbriga; 6).

ALARCÃO, J. de (1979) – *Trouvailles diverses – conclusions générales*. Paris: Boccard. (Fouilles de Conimbriga; 7).

ALMEIDA, C. A. F. de (1986) – Arte da Alta Idade Média. In *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Alfa. vol. II.

AMADOR DE LOS RIOS, R. (1883) – *Memoria acerca de algunas inscripciones arabigas de España y Portugal*. Madrid.

AMARO, C. (1982) – Casa dos Bicos. Notícia histórico-arqueológica. *Arqueologia*. Porto. 7, p. 96-111.

ANTUNES, M. T. (1991) – Restos de animais do Castelo de Silves (séculos VIII-X). Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto islâmico. *Estudos Orientais. O Legado Cultural de Judeus e Mouros*. Lisboa. 2, p. 41-74.

ANTUNES, M. T. (1996) – Alimentação de origem animal em regime islâmico – Alcaria Longa e casa II da alcáçova de Mértola. *Arqueologia Medieval*. Porto. 4, p. 267-276.

ARAÚJO, L. M. (1983) – Os Muçulmanos no Ocidente Peninsular. In SARAIVA, J. H., dir. – *História de Portugal*. Lisboa: Alfa. vol. I, p. 245-289.

ARRUDA, A. M. (1985) – Alcáçova de Santarém. Relatório dos trabalhos arqueológicos de 1984. *Clio Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 217-223.

AZEVEDO, J. M. S. (1966) – Arqueologia do Algarve. Viagem à Serra do Caldeirão. *Lucerna*. Porto. 5, p. 550-554.

AZEVEDO, P. A. de (1896) – Extractos arqueologicos das Memórias Parocheaes de 1758. *O Archeologo Português*. Lisboa. S.1. 2, p. 252-264.

- AZEVEDO, P. A. de (1899-1900) – Extractos arqueológicos das Memórias Parocheas de 1758. *O Archeologo Português*. Lisboa. S. 1. 5, p. 158-159.
- BARROCA, M. J. (1995) – *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*. 4 vols. Porto. Dissertação de Doutoramento (policopiada).
- BAZZANA, A. (1994) – Arqueologia extensiva. Metodos y algunos resultados. In *Paisajes rurales y paisajes urbanos: metodos de analisis en Historia Medieval*. Zaragoza: Universidad. p. 7-27.
- BOONE, J. (1992) – The first two seasons of excavations at Alcaria Longa, a caliphal – taifal period rural settlement in the Lower Alentejo of Portugal. *Arqueologia Medieval*. Porto. 1, p. 51-64.
- BOONE, J. (1993) – The third season of excavations at Alcaria Longa. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 111-125.
- BOONE, J. (1994) – Rural settlement and islamization in the Lower Alentejo of Portugal. Evidence from Alcaria Longa. In *Arqueologia en el Entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidade. p. 527-544.
- BOONE, J. (1996) – Uma sociedade tribal no Baixo Alentejo medieval? *Arqueologia Medieval*. Porto. 4, p. 25-35.
- BORGES, A. G. de M. (1989) – As inscrições lapidares árabes do Museu de Beja. *Arqueologia*. Porto. 20, p. 98-109.
- BORGES, A. G. de M. (1991) – Panorâmica da epigrafia árabe em Portugal. *Estudos Orientais. O Legado Cultural de Judeus e Mouros*. Lisboa. 2, p. 91-102.
- BORGES, A. G. de M. (1992) – Ibn Qasi, rei de Mértola e Mahdi luso-muçulmano. *Arqueologia Medieval*. Porto. 1, p. 209-215.
- BORGES, A. G. de M. (1993) – Inscrições árabes de Noudar. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 215-217.
- BORGES, A. G. de M. e MACIAS, S. (1992) – Almocavar de Moura. Localização e epigrafia. *Arqueologia Medieval*. Porto. 1, p. 65-69.
- CAMPOS, J. de (1907) – Acquisições do Museu Ethnológico Português. *O Archeologo Português*. Lisboa. S. 1. 12. p. 217-226.
- CARDOSO, G. e RODRIGUES, S. (1991) – Alguns tipos de cerâmica dos séculos XI a XVI encontrados em Cascais. In *A Cerâmica Medieval do Mediterrâneo Ocidental*, Lisboa, 1987. Mértola: Campo Arqueológico. p. 575-585.
- CARDOSO, J. L. (1993) – Contributo para o conhecimento da alimentação em contexto islâmico: estudo dos restos mamalógicos e malacológicos das Mesas do Castelinho (Almodôvar). *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 103-107.
- CARDOSO, J. L. (1994) – A fauna de mamíferos da época muçulmana das Mesas do Castelinho, Almodôvar. Materiais das campanhas de 1989-1992. *Arqueologia Medieval*. Porto. 3, p. 201-220.
- CARDOSO, J. M. (1988) – Relatório – subsídios para a carta arqueológica de Aljezur. *Espaço Cultural*. Aljezur: Câmara Municipal. 3, p. 19-41.
- CARVALHAES, J. de (1911) – Aquisições do Museu Ethnológico Português. *O Archeologo Português*. Lisboa. S. 1. 16, p. 103-125.
- CARVALHO, A. R. e FARIA, J. C. (1994) – Cerâmicas muçulmanas do Museu Municipal de Alcácer do Sal. *Arqueologia Medieval*. Porto. 3, p. 101-111.
- CARVALHO, A. R. e FERNANDES, I. C. (1996) – Algumas cerâmicas muçulmanas da Lapa do Fumo, Sesimbra. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 5, p. 21-23.
- CATARINO, H. (1984) – Questões gerais sobre a arqueologia árabe-medieval no Algarve Oriental. In *3.º Congresso do Algarve*. Silves: Rocal Clube. vol. 1, p. 15-25.
- CATARINO, H. (1986) – Escavações arqueológicas nos castelos de Alcoutim. In *4.º Congresso do Algarve*. Silves: Rocal Clube. vol. 1, p. 25-32.

- CATARINO, H. (1988a) – Escavações arqueológicas nos castelos de Salir e Paderne. 5.º Congresso do Algarve. Silves: Racial Clube. vol. I, p. 35-38.
- CATARINO, H. (1988b) – *Para o estudo da ocupação muçulmana no Algarve Oriental*. Coimbra: Provas de Capacidade Científica; policopiada.
- CATARINO, H. (1989) – Os sistemas defensivos muçulmanos do Algarve Oriental e o Castelo Velho de Alcoutim. In *III Congreso de Arqueología Medieval Española*. Oviedo: Universidad. vol. 2, p. 296-305.
- CATARINO, H. (1990a) – Arqueologia medieval islâmica no Algarve – Alcoutim, Salir e Paderne. In *Encontro de Arqueologia do Algarve*. Faro: Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura. p. 123-131.
- CATARINO, H. (1990b) – Vestígios muçulmanos no Nordeste Algarvio e o Castelo Velho de Alcoutim. In *6.º Congresso do Algarve*. Silves: Racial Clube. vol. I, p. 25-31.
- CATARINO, H. (1992a) – O Castelo de Salir, estruturas habitacionais e cerâmicas do período almóada. In *7.º Congresso do Algarve*. Silves: Racial Clube. vol. I, p. 19-25.
- CATARINO, H. (1992b) – A fortificação muçulmana de Salir, Loulé: primeiros resultados arqueológicos. *Al-Ulyā*. Loulé. 1, p. 9-51.
- CATARINO, H. (1992c) – Fortificações do período almóada no Sul de Portugal. *Arquitecturas de Terra*. Conímbriga: Museu Monográfico. p. 13-27.
- CATARINO, H. (1992d) – *Catálogo de cerâmicas islâmicas do Castelo de Salir*. Loulé: Museu Municipal.
- CATARINO, H. (1993a) – Objectos de osso e de metal recolhidos nas escavações do Castelo de Salir, Loulé. *Al-Ulyā*. Loulé. 2, p. 17-31.
- CATARINO, H. (1993b) A ocupação islâmica. In MEDINA, J., dir – *História de Portugal; dos tempos pré-históricos aos nossos dias*. Amadora: Ediclube. p. 47-92.
- CATARINO, H. (1994a) – Arqueologia medieval no Algarve Oriental. Os castelos de Alcoutim. In *Arqueología en el Entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidade. p. 657-671.
- CATARINO, H. (1994b) – Os castelos de taipa do período muçulmano no Sul de Portugal: o exemplo de Salir, Loulé. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 34 (3-4), p. 335-349.
- CATARINO, H. (1994c) – O Castelo de Paderne (Albufeira): resultados da primeira intervenção arqueológica. *Arqueologia Medieval*. Porto. 3, p. 73-87.
- CATARINO, H. (1995b) – O Castelo de Salir: resultados das escavações dos silos. *Al-Ulyā*. Loulé. 4, p. 9-30.
- CATARINO, H. (1997) – Castelos muçulmanos no Algarve. In *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa: Ministério da Cultura/ IPPAR. p. 449-457.
- CATARINO, H. [et al.] (1981) – Vale do Bôto: escavações de 1981 no complexo árabe-medieval. *Clio*. Lisboa. 3, p. 9-28.
- COELHO, A. B. (1972-1975) – *Portugal na Espanha Árabe*. Lisboa: Seara Nova. 4 vols.
- COELHO, C. (no prelo) – A ocupação islâmica do Castelo dos Mouros, Sintra: interpretação comparada. In *Actas do 2.º Congresso de Arqueología Peninsular*, Zamora, Setembro 1996.
- CORREIA, F. B. (1986) – Fortificações muçulmanas no Algarve. In *4.º Congresso do Algarve*. Silves: Racial Clube. vol. 1, p. 97-102.
- CORREIA, F. B. (1987) – Fortificações muçulmanas em Portugal. Alguns apontamentos. In *II Congreso de Arqueología Medieval Española*. Madrid. vol. 2, p. 501-509.
- CORREIA, F. B. (1991) – Um conjunto cerâmico árabe-medieval de Beja. In *A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Lisboa, 1987. Mértola: Campo Arqueológico. p. 373-385.

- CORREIA, F. B. e PICARD, C. (1992) – Intervenção arqueológica no Castelo de Jurumenha, primeiros resultados. *Arqueologia Medieval*. Porto. 1, p. 71-89.
- COUTINHO, H. M. R. (1993) – Cerâmica muçulmana do Montinho das Laranjeiras. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 39-54.
- CRUZ, P. B. da (1897) – Notícias várias. *O Archeólogo Português*. Lisboa. 3, p. 142-144; 181-182.
- DOMINGUES, J. D. G. (1945) – *História Luso-Árabe. Episódios e figuras meridionais*. Lisboa: Pro-Domo.
- DOMINGUES, J. D. G. (1956) – Património cultural arábico-algarvio. *Estudos Algarvios*. Lisboa: Casa do Algarve. 3.
- DOMINGUES, J. D. G. (1960) – O Garb extremo do Andaluz e Bortuqal nos historiadores e geógrafos árabes. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa. p. 327-362.
- DOMINGUES, J. D. G. (1971) – Ossónoba na época árabe. *Anais do Município de Faro*. Faro. 3, p. 179-229.
- DOMINGUES, J. D. G. (1984) – Homens célebres e famílias ilustres do Algarve na época árabe. In *3.º Congresso do Algarve*. Silves: Racal Clube. vol. 1, p. 77-89.
- DOMINGUES, J. D. G. (1988a) – Arrifana, Almadra e Aljezur na toponímia algarvia. *Espaço Cultural*. Aljezur. 3, p. 43-47.
- DOMINGUES, J. D. G. (1988b) – Beja na época árabe. *Arquivo de Beja*. Beja. S.2. 2, p. 21-31.
- ESTORNINHO, A. [et al.] (1994) – O povoamento da área de Aljustrel. seu enquadramento na faixa piritosa alentejana. In *Arqueologia en el Entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidade. p. 27-36.
- EWERT, C. (1965) – La mesquita de Mértola (Portugal). *Cuadernos de la Alhambra*. Granada. 9, p. 3-36.
- FABIÃO, C. e GUERRA, A. (1991) – O povoado fortificado de Mesas do Castelinho, Almodôvar. In *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*. Lisboa 1990. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. vol. p. 305-319.
- FERNANDES, C. (1993) – *Arqueologia em Palmela. 1988/92*. Catálogo da Exposição. Palmela: Câmara Municipal.
- FERREIRA, M. A. (1992) – Vidros antigos de Mértola. *Arqueologia Medieval*. Porto. 1, p. 39-49.
- FIGANIER, J. (1949) – *Moedas árabes – I Parte*. Lisboa.
- FIGANIER, J. (1959) – *Moedas árabes – II Parte*. Lisboa.
- FIGUEIREDO, M. de (1895) – Informações arqueológicas colhidas no 'Dicionário Geográfico' de Cardoso. *O Archeólogo Português*. Lisboa. 1, p. 153-158.
- FIGUEIREDO, M. de (1897) – Informações arqueológicas colhidas no 'Dicionário Geográfico' de Cardoso. *O Archeólogo Português*. Lisboa. 3, p. 281-286.
- GAMITO, T. J. (1990) – Aldeia dos Mouros versus Alcaria Queimada. An ethnoarchaeological case study. In *Arqueologia Hoje*. Faro: Universidade do Algarve. 1, p. 266-272.
- GAMITO, T. J. (1994a) – O povoamento islâmico da Serra do Caldeirão. O caso da Aldeia dos Mouros, Vaqueiros, Alcouthim. In *Arqueologia en el Entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidade. p. 545-563.
- GAMITO, T. J. (1994b) – Ipses – Vila Velha de Alvor. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa, 1993. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 213-218
- GOMES, R. V. (1988) – Cerâmicas muçulmanas do Castelo de Silves. *Xelb*. Silves. 1.
- GOMES, R. V. (1989) – A arquitectura militar muçulmana. In MOREIRA, R., dir – *História*

das fortificações portuguesas no Mundo

Lisboa: Alfa. p. 27-39.

GOMES, R. V. (1991a) – Cerâmicas muçulmanas, orientais e orientalizantes, do Castelo de Silves (peças esmaltadas, policromas e de reflexo metálico). In *Estudos Orientais. O legado cultural de Judeus e Mouros*. Lisboa. 2, p. 13-39.

GOMES, R. V. (1991b) – Cerâmicas almoadas do Castelo de Silves. In *A cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Lisboa, 1987. Mértola: Campo Arqueológico. p. 387-403.

GOMES, R. V. (1995) – Cerâmicas muçulmanas de Silves dos séculos VIII e IX. In *Actas das 1.ª Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Porto. p. 19-32.

GOMES, R. V. e GOMES, M. V. (1986) – Cerâmicas estampilhadas muçulmanas e mudéjares do poço-cisterna de Silves. In *Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*, Setúbal. Lisboa: IPPAR. p. 127-141. (Trabalhos de Arqueologia; 3)

GOMES, R. V. e GOMES, M. V. (1989) – Dispositivos defensivos de Silves, Algarve, Portugal. In *III Congreso de Arqueología Medieval Española*. Oviedo: Universidad. vol. 2, p. 287-295.

GOMES, M. V. e GOMES, R. V. (1995) – Cerâmicas muçulmanas: quais as metodologias arqueológicas? In *Actas das 1.ª Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Porto. p. 41-50.

GOMES, M. V. [et al.] (1986) – O Cerro da Rocha Branca, Silves – resultados preliminares de três campanhas de escavações. In *4.º Congresso do Algarve*. Silves: Racial Clube. vol. I, p. 77-83.

GÓMEZ MARTÍNEZ, S. (1993) – Variantes técnicas y formales de la cerâmica verde y morado de Mértola (Portugal). In *IV C.A.M.E. Sociedades en transición*. Alicante. vol. 3, p. 779-786.

GÓMEZ MARTÍNEZ, S. (1994) – La cerâmica verde y morado de Mértola, Portugal.

Arqueologia Medieval. Porto. 3, p. 113-132.

GÓMEZ MARTÍNEZ, S. (1997) – Loicha dourada de Mértola. *Arqueologia Medieval*. Porto. 5, p. 137-162.

GONÇALVES, V. [et al.] (1980) – O sítio romano-árabe de Vale do Bôto. Notícia da sua identificação. *Clio*. Lisboa. 2, p. 71-80.

GONÇALVES, V. [et al.] (1983-84) – Três intervenções sobre arqueologia no Algarve. *Clio-Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 191-196.

GUERRA, A. e FABIÃO, C. (1993) – Uma fortificação omíada em Mesas do Castelinho, Almodôvar. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 85-102.

HENRIQUES, A. F. X. (1895) – Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1, p. 113-118.

KHAWLI, A. (1992) – Lote de cerâmica epigrafada em estampilhagem de Mértola. *Arqueologia Medieval*. Porto. 1, p. 7-25.

KHAWLI, A. (1993) – Introdução ao estudo das vasilhas de armazenamento de Mértola islâmica. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 63-78.

KHAWLI, A. (1994) – Arcos estampilhados da cerâmica islâmica de Mértola. *Arqueologia Medieval*. Porto. 3, p. 133-145.

KHAWLI, A. (1997) – La famille des Banu Wazir dans de Garb d'al-Andalus aux XII et XIII siècles. *Arqueologia Medieval*. Porto. 5, p. 103-115.

LABARTA, A. e BARCELO, C. (1987) – Inscripciones árabes portuguesas: situación actual. *Al-Qantara*. Madrid. 8, p. 395-420.

LOPES, D. (1895a) – Algumas moedas árabes da Península encontradas no Algarve. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1, p. 97-103.

LOPES, D. (1895b) – Cousas arabico-portuguesas – 2. O cerco de Silves. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1, p. 274-276.

- LOPES, D. (1895c) – Cousas arabico-portuguesas – 3. A Geografia de Ibn Saide. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 1, p. 276-279.
- LOPES, D. (1903) – Onomatologia arabico-portuguesa, p. II. Aljezur e Arrifana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 8, p. 126-131.
- LOPES, D. (1911) – *Os árabes nas obras de Alexandre Herculano. Notas marginaes de lingua e historia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional. Separata do *Boletim da Segunda Classe*, vols. III e IV.
- LOPES, D. (1928) – O Domínio Árabe. In PERES, D., dir – *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense. vol. I, p. 391-431.
- LOPES, M. da C. e ALFENIM, R. (1994) – A villa romana do Monte da Cegonha. *Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidade. p. 485-502.
- MACIAS, S. (1986) – As muralhas medievais de Moura. *Arquivo de Beja*. Beja. S. 2. 3, p. 253-268.
- MACIAS, S. (1991) – Um conjunto cerâmico de Mértola – Silos 4 e 5. In *A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Lisboa, 1987. Mértola: Campo Arqueológico. p. 405-427.
- MACIAS, S. (1992) – Silos 4 e 5 de Mértola. Uma proposta de datação do espólio cerâmico. *Arqueologia Medieval*. Porto. 1, p. 27-33.
- MACIAS, S. (1993a) – Moura na Baixa Idade Média: elementos para um estudo histórico e arqueológico. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 127-157.
- MACIAS, S. (1994) – Escavações arqueológicas no Castelo de Moura. Primeiros resultados. *Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidade. p. 673-705.
- MACIAS, S. (1996) – *Mértola Islâmica. Estudo histórico-arqueológico do bairro da alcáçova (séculos XII-XIII)*. Mértola: Campo Arqueológico.
- MACIAS, S. e TORRES, C. (1995) – El barrio almohade de la alcáçova de Mértola: el espacio cocina. In *Casas y palacios de Al-Andalus. Siglos XII-XIII*. Barcelona/Madrid: Lunwerg Editores S.A. p. 165-175.
- MACIEL, M. J. (1993) – Reescavações na villa romana do Montinho das Laranjeiras, Alcoutim. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 31-38.
- MACIEL, M. J. (1994) – A villa romana fluvial do Montinho das Laranjeiras, junto ao Guadiana, Algarve. In *Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidade. p. 469-484.
- MACIEL, M. J. (1996) – *Antiguidade tardia e paleocristianismo em Portugal*. Lisboa: Colibri.
- MANZANO MORENO, E. (1991) – *La frontera de Al-Andalus en época de los Omeyas*. Biblioteca de Historia. Madrid: C.S.I.C.
- MARÍN, M. (1994) – El ribat en al-Andalus y el Norte de Africa. In *La ràpita islàmica: història institucional i altres estudis regionals*. Sant Carles de la Ràpita. p. 121-130.
- MARINHO, J. R. (1970) – Moedas islâmicas encontradas em Beja. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 3. 4, p. 293-298.
- MARINHO, J. R. (1971) – Moedas hispano-muçulmanas do Museu Machado de Castro, em Coimbra. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 3. 5, p. 249-254.
- MARINHO, J. R. (1983) – Uma prática singular em moedas do emirato do Andalus. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4. 1, p. 375-389.
- MARINHO, J. R. (1984) – The islamic coins in the portuguese territory. In *Problems of medieval coinage in the iberian area*. Santarém. 1, p. 295-305.
- MARINHO, J. R. (1985) – Moedas de Ahmed Ibn Qasi batidas em Silves. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4. 3, p. 176-196 e 375-389.
- MARINHO, J. R. (1997) – Testemunhos numismáticos do Algarve muçulmano. In

- Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa: Ministério da Cultura, IPPAR. p. 469-477.
- MARQUES, A. H. de O. (1993) – O Portugal islâmico. In SERRÃO, J. e MARQUES, A. H. O., dir. – *Nova História de Portugal*. Lisboa: Presença. vol. 2. p. 121-249.
- MARQUES, M. da G. M. (1986) – Vestígios arqueológicos no concelho de Portimão. In 4.º Congresso do Algarve. Silves: Racial Clube. p. 55-60.
- MARQUES, T. [et al.] (1992) – *Carta Arqueológica de Portugal. Concelhos de Portimão, Lagoa, Silves, Albufeira, Loulé e São Brás de Alportel*. Lisboa: IPPAR.
- MARQUES, T. [et al.] (1995) – *Carta Arqueológica de Portugal. Concelhos de Faro, Olhão, Tavira, Vila Real de Santo António, Castro Marim e Alcoutim*. Lisboa: IPPAR.
- MARQUES, T. (1997) – Cartografia arqueológica: o Algarve como exemplo. In *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa: Ministério da Cultura, IPPAR. p. 87-113.
- MARTINS, I. M. P. (1988) – *Arqueologia do concelho de Loulé*. 2.ª ed. Lisboa: Câmara Municipal de Loulé.
- MARTINS, I. M. P. e MATOS, J. L. de (1971) – As muralhas de Loulé. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 3. 5, p. 227-247.
- MATOS, J. L. de (1971) – Cerro da Vila: escavações em 1971. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 3. 5, p. 201-214.
- MATOS, J. L. de (1972) – Campanha de trabalhos de 1972. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 3. 6, p. 252-262.
- MATOS, J. L. de (1983) – Malgas árabes do Cerro da Vila. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4. 1, p. 375-389.
- MATOS, J. L. de (1984) – Cerro da Vila, Algarve. *Arqueologia*. Porto. 10, p. 137-142.
- MATOS, J. L. de (1985) – Forno de cerâmica, Cerro da Vila, 1982. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 5, p. 77.
- MATOS, J. L. de (1986) – Cérâmique musulmane du Sud de Portugal. In *Segundo coloquio internacional de cerâmica medieval en el Mediterráneo Occidental*. Madrid: Ministerio de Cultura. p. 149-154.
- MATOS, J. L. de (1991a) – Influências orientais na cerâmica muçulmana do Sul de Portugal. In *Estudos Orientais. O legado cultural de Judeus e Mouros*. Lisboa. 2, p. 75-83.
- MATOS, J. L. de (1991b) – Cerâmica muçulmana do Cerro da Vila. In *A cerâmica medieval no Mediterrâneo Occidental*, Lisboa, 1987. Mértola: Campo Arqueológico. p. 429-456.
- MATOS, J. L. de (1997) – O período islâmico no Cerro da Vila. In *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa: Ministério da Cultura, IPPAR. p. 459-467.
- MOLINA, L. (ed., trad. e notas de) (1983) – *Descripción Anónima de Al-Andalus – una*. Madrid: C.S.I.C. Instituto Miguel Asín. 2 vols.
- NYKL, A. R. (1940) – Algunas inscripciones arabes de Portugal. *Al-Andalus*. Madrid – Granada. vol. 5, p. 399-410.
- NYKL, A. R. (1941) – Inscrições árabes existentes no Museu Arqueológico do Carmo. In *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. vol. V, p. 11-12.
- NYKL, A. R. (1942) – As inscrições árabes do Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcellos. *Ethnos*. Lisboa. 2, p. 23-31.
- PAIS, J. (1993) – Sementes de um silo omíada, UE 67, de Mesas de Castelinho, Almodôvar. *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 109-110.
- PAIS, J. (1996) – Paleobotânica, finais do séc. XI a séc. XIII/XIV, do Sul de Portugal: Setúbal, Mértola e Silves. *Arqueologia Medieval*. Porto. 4, p. 277-282.
- PEREIRA, I. [et al.] (1974) – *Les monnaies*. Paris: Boccard. (Fouilles de Conimbriga; 3).
- RASTEIRO, J. (1897) – Notícias archeologicas da Peninsula da Arrabida. *O Archeologo Português*. Lisboa. 3, p. 1-48.

- REGO, M. L. V. (1994) – Investigações arqueológicas no Castelo de Noudar. In *Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidade. p. 37-53.
- RETUERCE VELASCO, M. (1986) – Cerâmica islâmica de la “Cidade das Rosas”, Serpa, Portugal. In *Segundo coloquio internacional de cerâmica medieval en el Mediterráneo Occidental*. Madrid: Ministerio de Cultura. p. 85-92.
- RETUERCE VELASCO, M. (1987) – El tempfen. Primer testimonio del telar horizontal en Europa? *Boletín de Arqueología Medieval*. Madrid. 1, p. 71-77.
- ROCHA, A. S. (1985a) – Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1, p. 113-116.
- ROCHA, A. S. (1895b) – Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve – 2. *Antiguidades do concelho de Faro. O Archeologo Português*. Lisboa. 1, p. 200-207.
- ROCHA, A. S. (1895c) – Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve – 3. *Antiguidades do concelho de Lagos. O Archeologo Português*. Lisboa. 1, p. 207-212.
- ROCHA, A. S. (1904) – Notícia de alguns silos e louças árabes do Algarve. *Boletim da sociedade archeologica Santos Rocha*. Lisboa. 1, p. 20-21.
- SÁ, B. de (1904) – Explorações archeologicas no Algarve em Março de 1904. *O Archeologo Português*. Lisboa. 9, p. 173-181.
- SÁ, B. de (1906) – Relatório de uma excursão archeologica ao Alentejo e Algarve. *O Archeologo Português*. Lisboa. 11, p. 197-201.
- SERRÃO, E. da C. (1994) – *Carta arqueologica do concelho de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal.
- SEYBOLD, C. F. (1903) – Onomatologia arabico-portuguesa: I. Monchique et Arrifana d’Algarve chez les auteurs arabes. *O Archeologo Português*. Lisboa. 8, p. 123-131.
- SILVA, L. da (1992) O cadinho de ourives de prata do silo 5 de Mértola: proposta de análise. *Arqueologia Medieval*. Porto. 1, p. 35-37.
- SOARES, A. M. de S. S. e FERREIRA, M. M. N. (1994) – Ocupação do concelho de Almodôvar no período muçulmano II: reconstituição regressiva da paisagem. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. vol. 1, p. 49-64.
- SOARES, A. M. e BRAGA, J. R. (1986) – Balanço provisório da intervenção arqueológica já realizada no castelo de Serpa. *Arquivo de Beja*. Beja. S. 2. 3, p. 167-198.
- SOARES, A. M. (1993) – Um molde islâmico encontrado em Pias (Serpa). *Arqueologia Medieval*. Porto. 2, p. 219-220.
- TEICHNER, F. (1994a) – Acerca da vila romana de Milreu/Estoi. Continuidade da ocupação na época árabe. *Arqueologia Medieval*. Porto. 3, p. 89-100.
- TEICHNER, F. (1994b) – Évora. Vorbericht über die ausgrabungen am römischen temple, 1986-1992. Stratigraphische untersuchungen und aspekte der stradtgeschichte. *Madridrer Mitteilungen*. Mainz. 35, p. 336-358.
- TORRES, C. (1982) – Alcáçova de Mértola. História e arqueologia urbana. *Arqueologia*. Porto. 6, p. 86-95.
- TORRES, C. (1986) – Um lote cerâmico de Mértola islâmica. In *Actas del I Congreso de Arqueología Medieval Española*. Zaragoza: Diputación General de Aragón, Departamento de Cultura y Educación. vol. IV, p. 193-228.
- TORRES, C. (1987) – *Cerâmica islâmica portuguesa*. Mértola: Campo Arqueológico.
- TORRES, C. (1992a) – O Garb-Al-Andaluz. In MATTOSO, J., dir. – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. p. 363-416.
- TORRES, C. (1997) – O Al Garbe. In *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa: Ministério da Cultura, IPPAR. p. 431-447.

- TORRES, C. [et al.] (1987) – O criptopórtico-cisterna da alcáçova de Mértola. In *II Congreso de Arqueología Medieval Española* Madrid. vol. 2, p. 617-626.
- TORRES, C. [et al.] (1991) – Cerâmica islâmica de Mértola: propostas de cronologia e funcionalidade. In *A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Lisboa, 1987. Mértola: Campo Arqueológico. p. 497-536.
- TORRES, C. [et al.] (1996) – Técnicas e utensílios de conservação dos alimentos na Mértola islâmica. *Arqueologia Medieval*. Porto. 4, p. 203-217.
- VARGAS, M. F de (1907) – Materiais para o estudo das moedas arabico-hispanicas em Portugal. *O Archeologo Português*. Lisboa. 12, p. 1-22.
- VARGAS, M. F de (1914) – Materiais para o estudo das moedas arabico-hispanicas em Portugal. *O Archeologo Português*. Lisboa. 19, p. 195-200.
- VARGAS, M. F de (1915) – Materiais para o estudo das moedas arabico-hispanicas em Portugal. *O Archeologo Português*. Lisboa. 20, p. 275-288.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1895) – Notícias várias. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1, p. 301-310.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1901) – Les monnaies de la Lusitanie portugaise. *O Archeologo Português*. Lisboa. 6, p. 81-89.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1902) – Candeias árabes do Algarve. *O Archeologo Português*. Lisboa. 7, p. 119-123.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1917) – Coisas velhas. *O Archeologo Português*. Lisboa. 22, p. 107-169.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1918) – Pelo Sul de Portugal. *O Archeologo Português*. Lisboa. 23, p. 104-138.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1920) – Coisas velhas. *O Archeologo Português*. Lisboa. 24, p. 215-237.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1981) – *Religiões da Lusitânia*. Reimpressão facsimilada da 1.ª edição. Lisboa. 3 vols. (Temas Portugueses)
- VEIGA, S. P. M. E. da (1886-1891) – *Antiguidades monumentaes do Algarve*. Lisboa: Imprensa Nacional. 4 vols.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1910) – Antiguidades monumentaes do Algarve. *O Archeologo Português*. Lisboa. 15, p. 209-233.
- VEIGA, S. P. M. E. da (1983) – *Memória das antiguidades de Mértola*. (Ed. facsimilada de 1880). Lisboa: Imprensa Nacional.
- VELHO, M. (1974) – Outra lápide funerária muçulmana. *Anais do Município de Faro*. Faro. 4, p. 215-216.
- VIANA, A. (1946a) – Museu Regional de Beja. Alguns objectos da Idade do Bronze, da Idade do Ferro e da época romana, cerâmica árabe. *Arquivo de Beja*. Beja. 2, p. 309-339.
- VIANA, A. (1946b) – A Arqueologia do Baixo Alentejo na obra do Bispo Pacense D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas. *Arquivo de Beja*. Beja. 3, p. 118-127.
- VIANA, A. (1946c) – Tábuas árabes do Museu de Beja. *Arquivo de Beja*. Beja. 3, p. 333-335.
- VIANA, A. (1947) – A coleção numismática do Museu Regional de Beja. *Arquivo de Beja*. Beja. 4, p. 413-427.
- VIANA, A. (1950) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. II. Mértola (Igreja Matriz). *Arquivo de Beja*. Beja. 7, p. 23-30.
- VIANA, A. (1958) – Castro de Nossa Senhora da Cola (Ourique). *Arquivo de Beja*. Beja. 15, p. 25-35.
- VIANA, A. (1959) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. 1. Castro de Nossa Senhora da Cola. *Arquivo de Beja*. Beja. 16, p. 3-24.
- VIANA, A. (1960) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. 17, p. 138-231.

- VIANA, A. (1961-1962) – Notas várias. Circunstâncias habituais da exploração arqueológica em Portugal. *Arquivo de Beja*. Beja. 18/19, p. 89-225.
- VIANA, A. (1962) – *Algumas noções elementares de arqueologia prática*. Beja: Museu Regional.
- VIANA, Abel [et al.] (1953) – De lo prerromano a lo árabe en el Museo Regional de Lagos. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 26.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1893) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1907) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1911) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1915) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1919) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1923) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1927) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1931) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1935) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1939) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1943) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1947) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1951) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1955) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1959) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1963) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1967) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1971) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1975) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1979) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1983) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1987) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1991) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1995) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (1999) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (2003) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (2007) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (2011) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (2015) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (2019) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.
- VIVES, A. e ESCUDERO (2023) – *Monedas de las dinastías arabigo-españolas*. Madrid.